José Dantas Cyrino Júnior

# *Poesia*

VALER
EDITORA

Copyright © Editora Valer, 2011

Editor
Isaac Maciel

Coordenação editorial
Tenório Telles

Capa
Ângelo Lopes
(Composição da capa: pintura de Bernadete Andrade)

Ilustrações
Bernadete Andrade

Projeto Gráfico
Jackson Satana

Revisão
Núcleo de Editoração Valer

Normalização
Ycaro Verçosa

C997p Cyrino Júnior, José Dantas;

Poesia. José Dantas Cyrino Júnior. – Manaus: Editora Valer, 2011

140 p.

ISBN 978-85-7512-487-1

1. Literatura brasileira – Poesia. Título.

CDD B869.15
22. Ed.

2011

Editora Valer
Av. Ramos Ferreira, 1.195 – Centro
69010-120, Manaus – AM
Fone: (92) 3635-1324
www.editoravaler.com.br

*Caminante, no hay camino, se hace camino al andar.*

Antonio Machado

*Talvez nos encontremos de novo, mas ali onde você me deixou não me achará novamente.*

Bertolt Brecht

**Ofereço**

Com muita saudade, ao meu pai e à minha mãe, poetas que não tiveram tempo de se mostrar.
A Stela, meu álibi na poesia.
A Bárbara e Raíssa, os mais lindos versos que encarnei.

**Recomendo**

Às pessoas sem rugas por falta de riso e às pessoas com rugas por insuficiência de amor.

**Agradeço**

A todos que me encorajaram a tornar público meus poemas. Agradeço especialmente à família Mafra de Andrade pela permissão do uso de algumas das últimas telas pintadas pela "menina Berna".

# *Sumário*


A Poesia de Cyrino – Elson Farias 13

Ruídos 17
Arque 18
Abraços 19
Acordes 20
Afagos 20
A Festa de Marta 21
Anjos 22
Alterpsicografia 23
Amor em Versos 24
Alma e Anjos 24
Amores 25
Amor(te) 25
Amores Astrais 26
Ardis 26
Ângelus 27
A(s)simetria 28
As rosas sempre brotarão 29
Assunto sério 30
Nossa Senhora das cores 30
Aviso de emprego! 31
Autores e atores 31
A vida no Norte 32
Azulejos azuis 33
Bilhete de despedida 34
Brancura 35
Canto de liberdade 35
Canção de alegria 36
Canto Tukano 38
Carniceiro 39
Catador de poemas 40

Cenizas 43
Cordel para uma escola de papel 44
Da vida 46
Dança da chuva 48
De bubuia 49
Desista 50
Desejo 50
Dissonâncias 51
Dizer o que? 51
Dúvidas 51
Casa de caboca 52
É isso aí companheiro! 53
Em busca do significado das signinfâncias 54
*A la orilla del Lago Ana* 56
Encontro 57
Escrever é preciso 59
Espagíria 60
Esperançar 61
Estações 61
Frigidez 61
Epitáfio 62
Estrelinha 62
Eterna saudade 63
Favas contadas 64
Filolocídio 64
Filosofês 65
Fragor 65
Frêmitos 66
Greve (quase) geral 67

Haicais 69
Haicais sensuais 72
Calendário anual 73
Calendário semanal 76

Ícone-Ícaro 78
Ideogramas da vida 80
Imagens 80
Filosofia do amor 81

Intolerância poética 82
Liberdade 83
Mal de amor 83
Manaus 84
Manhãs 85
Meu beco 85
Meus galos 86
Motivação 86
Moção de caboco 87
Moradas das doze Muiras 89
Motor da Linha 90
Mungubas 90
Navegar é preciso 91
O bêbado e o desequilibrado 92
Oitenta e oito 93
O que mais podes querer? 95
Palavras não são cadáveres 96
Paraduras de Enero 96
Partida 97
Ponderação 97
Poeta alucinado 98
Poeta selvagem 99
Prudência 100
Pororoca 100
Presságio em Sete Versos 100
Professando 101

Quatro Singelos poemas de amor 103
Quatro quadras singelas de um amor avoado 105
Quatro quadras singelas de um amor retratado 106
Quatro quadras singelas de um amor friccionado 107
Quatro quadras singelas de um amor desavexado 108

Que pena este poema 109
Relativismo 109
Quietações 110
Réquiem ao poeta 111
Resistência 112
Rima 112

Condições 113
Samba de bosta 114
Sapato velho 115
Santa Maria 116
Saudade 117
Segredos 118
Sentinelas 118
Sensibilidade 119
Sete anáguas 120
Segredos de 28 121
Simpatia 122
Solidão 122
Sinestesias 123
Sons 123
Sorriso Latino 124
Tânatos 125
Teratologia 125
Tinha uma Cora no meu caminho 126
Terra Caída 126
Transcendentais 127
*Vae hominis unius libri* 127
Vagabunda 128
Vamos viver intensamente 129
Vernissage 130
Viver, amar, sonhar e morrer 132

# *A Poesia de Cyrino*

Elson Farias*

A poesia e a prosa produzidas na terra constituem o testemunho dos homens e mulheres sobre ela. Sobre a vida e os seus fenômenos, sobre o medo e a coragem de viver, uma vez que o homem se desenvolveu, através da história, criando um sistema de interpretação dos dados subjetivos, experimentados em contacto com os elementos da natureza, aí adquirindo a consciência do divino e concebendo os princípios de autoridade para lidar com o medo. O medo que, no dizer do filósofo evolucionista Herbert Spencer, fez surgir dois elementos fundamentais na sociedade organizada: o medo dos vivos que gerou o controle político, e o medo dos mortos que gerou o controle religioso. Mas criou, também, instrumentos de convivência e aparelhou a sensibilidade e a inteligência para interpretar os conflitos gerados entre as pessoas, resultantes da emoção, dos sentimentos de fraternidade, de solidariedade e de amor. Não gostaria de me referir aqui aos sentimentos inferiores, porque estes jamais concentraram, nas tramas de suas injunções, qualidades capazes de converter em elevação espiritual o terra-a-terra da condição humana. E a poesia é produto do verbo que nasceu no princípio, segundo o Evangelho de São João. O princípio que é Deus, o Deus que é amor, também no dizer do apóstolo amado de Cristo.

Para não ser cansativo reservo-me o direito de não citar exemplos confirmativos dos conceitos que sustento na apresentação deste livro de poemas. Espero que o faça o amigo leitor, se assim lhe aprouver. Mas gostaria de deixar

---

* Elson Farias é poeta e prosador, e autor de *Barro verde*, *Memórias*, *O comandante* e da série *As aventuras de Zezé na Floresta Amazônica.*

uma sugestão aos interessados no assunto, lembrando, nos extremos conceituais da existência, o comportamento de dois dos mais altos espíritos produzidos no segundo milênio da história do mundo, profundamente marcado pelo Cristianismo e gerados pela religião e pela política: Dante, com a epopéia tridimensional do "Inferno", do "Purgatório" e do "Paraíso", *A Divina Comédia*, com que critica a vida social e política da Idade Média; e Karl Marx, com o conjunto de ensaios reunidos em *O Capital*, com que critica o capitalismo da Idade Moderna. O poeta e o filósofo, a despeito da distância que os situa no tempo, por caminhos diversos perseguiram o mesmo ideal de igualdade e de fraternidade entre os homens. Dante ateve-se aos princípios da religião para interpretar o seu tempo, sem eximir-se do controle político, através da poesia, quando concebe o amor como a força que move *o sol e as outras estrelas,* e Marx, que, ao criticar o controle político do mundo através da filosofia, pôs a questão do dinheiro no seu devido lugar, como talvez tenham pensado os santos da Igreja, na linha de São Francisco, numa nova concepção de riqueza nas relações entre os homens. Diz o pobrezinho de Assis: *Porque não devemos dar mais uso e estima ao dinheiro do que às pedras. E o diabo tenta cegar os que o desejam ou o valorizam mais que as pedras. Vamos, portanto, ter cuidado, com o receio de que, depois de termos deixado todas as coisas, possamos perder o reino dos céus por essas ninharias.*[1] Diz Marx: *Toda gente sabe, mesmo quando não se sabe mais nada, que as mercadorias possuem uma particular forma-valor (comum), que contrasta da maneira mais flagrante com as suas múltiplas formas naturais – é a forma-dinheiro. Importa agora fazer o que a economia burguesa nunca tentou: fornecer a gênese da forma dinheiro, ou seja, seguir o desenvolvimento da expressão do valor contido na relação de valor das mercadorias, desde o seu esboço mais simples e menos aparente até essa forma-dinheiro que salta aos olhos de toda a gente. Com isso se resolve e se faz desaparecer ao mesmo tempo o enigma do dinheiro.*[2]

---

1 Da 8ª. Parte das *Regras* de São Francisco de Assis – *Que os irmãos não recebam dinheiro.*

2 ***O Capital*, volume 1, capítulo I, Mercadoria**, em tradução de J. Teixeira Martins e Vital Moreira.

O leitor há de indagar, intrigado: Mas o que tem a ver a poesia do Professor José Dantas Cyrino Júnior, com essas questões. Tem tudo a ver se considerarmos a formação acadêmica e a inquietação intelectual do poeta. Graduado em Filosofia e Direito, e pós-graduado em Educação, sua vida se alimenta de intensa atividade política e de tarefas ligadas à promoção humana. Sua poesia, lançada por meio de uma forma predominantemente livre, com ousadia verbal, sensualidade explícita, liberdade vivencial, a vida na Amazônia, linguagem coloquial, traços da cultura clássica e a apreciação da vivência cabocla, insolente algumas vezes e libertina em outras, mostra sempre a face do professor, da escola, da vida, a política e a religião, numa poesia por vezes didática, em contraste entre poemas longos e curtos, poemas escritos certas vezes com um só verso, ou na linha do haicai. E, pairando sobre tudo, um implacável senso de humor. O poeta ri, faz troça, desmonta o siso das situações hipocritamente formais da sociedade em que vive. Aí está, sem dúvida, a unidade do livro que é organizado de modo inteiriço, deixando ao leitor a maravilha das surpresas e das descobertas, sem subtítulos porque o tema é um só, o poeta e o seu olhar em torno. Em textos escritos no ritmo das velhas redondilhas e decassílabos, às vezes em prosa poética, predominando as redondilhas, a arte menor e a arte maior, lavradas sem rigor formal, a revelar que o poeta está mais interessado em captar o momento da emoção, e registrar um evento simples, mas significativo à compreensão dos acontecimentos. Faz piada e glosa os poetas seus amigos do Amazonas, ou Fernando Pessoa, Florbela Espanca, ou Drummond, Mário Quintana ou Vinicius. Vêem-se, finalmente, nos poemas deste livro, filosofia política e religião, a crítica do nosso tempo como o fizeram com o seu, Marx e Dante, e, coroando-lhe os movimentos, percebem-se planar as asas de todas as formas de amor, fazendo barulho e por isso intitulado *Ruídos de versos*.

Leiam o livro e vão ver que não exagero.

Manaus, Praia da Ponta Negra,
23 de março de 2010.

# *Ruídos*

Advirto-te, com sinceridade,
aqui não encontrarás verdades.

Mas não te afliges se achares
mentiras, porque aos poetas
somente verdades.

Não credes nas manifestações
de amor que aqui encontrarás,
são apenas alguns chistes
sobre paixões revisitadas.

Não tomes por impolidez
os versos mais insolentes
que possam inquietar
os teus ouvidos,
faças como os poetas
que os tratam com desfaçatez,
afinal meu poema é só ruído.

Não tomes por ensinamentos
os versos mais pretensiosos,
porque não escrevo para ensinar
sobre nada.
Escrevo, sobretudo, para fazer zoada,
porque meu poema não tem sentido,
tem ruído.

# *Arque*

No princípio era o verso,
e o verso se fez frase
e habilitou nossa voz,
e ao inverso de ser carne,
fez-se fala e cantoria.
No princípio era o verso
que fez nascer a poesia.

O verso deu vida às palavras,
deu cheiro, deu gosto e deu cor.
Quando estão em harmonia,
produzem sinestesia,
o orgasmo que a poesia
pede emprestado ao amor.

# *Abraços*

Antes que a vida passe,
antes que rasgue o disfarce
do suposto rosto amigo
pegue sua amada e abrace
e antes que desenlace
faça do abraço um abrigo.

Antes que o juízo final
revele o grande segredo,
antes que  o dedo do mal
aponte de vez o castigo,
pegue sua amada e abrace
e antes que desenlace
faça do abraço um abrigo.

Antes que a vida passe,
antes do corpo se por,
pegue sua amada e abrace
e antes que passe o desejo,
encha sua boca de beijo
e passe a fazer amor.

## *Acordes*

À minha filha Raíssa

Brincando de manja com os teclados,
teus dedos, em aprendizado,
refazem antigas cantigas de roda
que cantavas toda prosa,
muito antes do primeiro namorado.

Tocam teclas feito pétalas,
brincando de bem-me-quer,
e reescrevem velhas modinhas
com novos solfejos pra novos desejos
de uma menina-moça já quase mulher.

## *Afagos*

Somente os loucos e os poetas
catam as folhas de outono
que caem mansas no chão,
porque só eles são capazes
de sentir os afagos da natureza,
porque somente eles sabem
que aquelas folhas são suas mãos.

# *A Festa de Marta*

Hoje o mar tá agitado,
não dá pro Pedro pescar,
eu trouxe um peixe do rio
pra gente fazer um jantar.

Mas põe a casaca no peixe
porque hoje o Rio está frio
e o peixe pode esfriar.

Vamos, Marta, pra varanda,
anda que a comida está farta,
anda que o peixe está pronto
e eu já servi a bebida,
vamos brindar ao reencontro
porque logo será despedida.

# *Anjos*

Há anjos tocando banjos
de cinco cordas,
todos sentados nas bordas
das nuvens brancas do céu.

Mas os seus acordes
não conseguimos escutar,
só ouvimos o ruflar de suas asas
que flabelam em notas rasas
como se por um momento
eles fossem cantar.

Há anjos voando em volta
de nossas casas,
todos sendo espiados
pelas gretas das janelas,

Mas os seus rostos
não conseguimos enxergar,
só vemos vultos de suas penas
que se encrespam ao vento,
como se por um momento
eles fossem voar.

Há anjos voando em torno
de nossas almas,
todos são anjos da guarda
que voam para nos abrigar.

Mas as suas proteções
nós podemos invocar,
basta batermos palmas
em ritos de sacramento,
como se por um momento
estivéssemos a orar.

## *Alterpsicografia*

Ao poeta Fernando Pessoa

Os poetas não podem fingir
e se fingem, fazem à toa,
quando têm que admitir
que o mais perfeito poema
já foi feito por outra Pessoa.

Feito tão perfeitamente
como ninguém jamais o faria,
sem revelar a dor dos poetas,
revela segredos da poesia.

## *Amor em Versos*

Parelha são dois versinhos
que eu sopro na tua orelha.

O terceto mais me apraz,
porque com três versinhos
eu assopro muito mais.

## *Alma e Anjos*

Aos poetas Augusto dos Anjos e
Florbela D'Alma da Conceição Espanca

Nem sempre o sentido da poesia
com o nome do poeta se mistura,
vejam o Augusto dos Anjos,
que poesia de amargura.

É o que d'Alma da Conceição
também se espera,
porque jamais uma poetisa
Espanca uma flor,
ainda mais se Florbela.

## *Amores*

Às minhas filhas Bárbara e Raíssa

O filho que eu não fiz
fez-se em meu sonho, certo dia,
numa noite já quase manhã.

Disse-me o garoto sorrindo:
tu não precisas de um menino
porque o amor que eu te daria
já te deram as minhas irmãs.

## *Amor(te)*

O amor tece a vida
e amortece a morte.

No desamor, a morte, sendo,
vai lentamente amortecendo a vida
e enaltecendo a morte.

É que a vida sem amor
é a morte sendo a vida,
é o horror.

Mas quando se morre amando
a morte não causa temor,
a dor é amortecida,
pois se morre de falta de vida
e não por falta de amor.

## *Amores Astrais*

Como não é possível
o amor do Sol com a Lua,
pois quando ele está
vindo pra casa
ela está indo pra rua,
os encontros entre a Lua e o Sol
são sempre de despedida:
boa-noite meu rouxinol,
bom-dia minha rosa querida!

## *Ardis*

Livre-se dos livros
que só trazem certezas,

livre-se dos livros
que não fazem duvidar.

São axiomas de ardilezas
que nos impedem de pensar.

# *Ângelus*

Em tarde melancólica, quase mórbida,
despede-se do sol, o dia, lentamente.
E com a chuva fina que cai no asfalto,
o calor úmido e insuportável se eleva
tragando uma fumaça ainda ardente.

Monocórdia voz de um locutor apressado
que narra o futebol em gritaria,
mistura-se com o ruído dos sinos da igreja
que dobram pela última missa do dia.

E aos poucos, em métrica,
um homem rouco de voz tétrica,
anuncia a ave-maria.

Erguem-se então as pequeninas mãos,
clamando bênçãos aos seus pais,
enquanto os corpos avermelhados,
todos em goma empapados,
ardem do sol de um domingo,
fazendo lembrar-me menino
de um tempo que não volta mais.

# *A(s)simetria*

Quem projetou a gente
fez com imperfeição,
separou a alma da mente
e a razão do coração,
botou a batata da perna pra trás
e os seios da mulher pra frente.

Se eu pudesse mudar a gente
eu faria bem diferente:
juntaria alma e razão
pra não sofrer de amor.

Botaria a batata pra frente
pra dar caneladas sem dor
e os seios nas costas alinhados,
pra quando abraçar as mulheres
ficar tudo bem encaixado.

# *As rosas sempre brotarão*

Ao poeta Vinicius de Moraes

Sempre haverá uma rosa
brotando de algum botão.

Sempre haverá um botão de rosa
brotando em algum lugar.

Sempre haverá uma mulher
nascendo Rosa em alguma certidão.

Sempre haverá um homem alimentando
o amor com uma rosa na mão.

A cada rosa que se vai, sempre,
outras rosas brotarão.

Importa que não brote, nunca mais,
aquela rosa estúpida e inválida,
aquela rosa inexata das meninas,
que não volte, nunca mais,
a cretina rosa cálida de Hiroshima.

## *Assunto sério*

Um filósofo lamuria-se a um poeta
por estar desempregado.
O poeta, sutil, sussurra junto:
é... não há lugar neste mercado
para vendedores de assunto.

## *Nossa Senhora das cores*

Ave Maria, Senhora das Cores,
Santa Maria, aurora da luz,
estendeis sobre nós pecadores
as bênçãos de vossas vestes
e as preces do Vosso Jesus.

Bendita sois vós, Senhora das cores,
Senhora bendita dos mantos azuis.

## *Aviso de emprego!*

Contratamos, sem embaraços,
padeiros e palhaços
no regime do pão e do circo,
com nomeação garantida
e estabilidade sem risco!

Exige-se que o candidato
traga um membro do povo
e terá renovado o contrato
trazendo mais um de novo.

## *Autores e atores*

Sim, e quem foram os carteiros que
entregaram as Cartas dos Cárceres?

# *A vida no Norte*

Aqui no Norte a terra é frágil,
o sol é forte e o rio é ágil.

O vento é lento, a vida é dura
não há candura, não há alento,
e a destempo emerge a morte.

Aqui no Norte é o mosquito
quem dita a sorte...

A mata mata quem desconhece
a sua ciência e a sua fé,
e só resiste por alvedrio
quem tem o saber da mata e do rio,
ou tem a bênção do santo pajé.

# *Azulejos azuis*

À minha mãe Helena

Outrora famélico e sedento,
corpo esquálido,
quase oco por dentro,
mas bem vivo e batendo o coração,
te encontrávamos,
organismo pálido de idos tempos,
nos passeios infalíveis de domingo,
com a esperança de ver pronta
a construção.

A mais bela mulher destemida,
não fugiu às batalhas da vida
pra cobrir o teu corpo cru,
deu-te aconchego e acalento
vestiu de alegria o sobrado
muito sóbrio e anilado,
tal seus olhos, tal seus olhos,
todo azul.

Quero de ti um abraço
mesmo que seja em pedaços
de azulejos azuis.
É marca da tua idade,
é parte da nossa história,
é meu Cruzeiro do Sul.

Dá-me de ti um pedaço,
me abraça e me toma nos braços
e expulsa essa dor que me invade.
Beija-me com a cor do sobrado,
desse azul amarelado,
a cor da minha grande saudade.

## *Bilhete de despedida*

*Talvez nos encontremos de novo, mas ali onde você me deixou não me achará novamente.*
Bertolt Brecht

Amigos perdoem-me por sair assim, sem abraçá-los pessoalmente, mas minha noite foi horrível.

Levantei às quatro da manhã e imediatamente acordei meu despertador que ainda dormia tranquilo e indiferente à minha inquietação.

Meio desconfiado e surpreso ele me sorriu como se compreendesse minha agonia. Pus-me, então, a recolher as roupas espalhadas sobre o beliche e a cadeira. Cansadas e suadas, elas pediam e eu as atendia, socando-as no canto da mala, aquele minúsculo espaço reservado às grandes lembranças.

Enquanto fazia a arrumação, pensava como explicar a vocês essa partida tão rápida, assim como quem foge.

Foi quando, de repente, antes que puxasse o zíper da mala, vi no meio da bagagem que havia uma razão objetiva para eu não poder mais ficar aqui.

Por isso lhes peço, se alguém perguntar por que parti assim tão de repente, digam que fui porque minha pasta de dente acabou.

Abraços.

## *Brancura*

À menina Ana Clara

Há, na clara criança,
a brancura que seu nome anuncia.

Ah, Ana... Ana Clara menina,
que belo poema daria
se além de chamar-te Ana Clara
chamasse também de Maria.

## *Canto de liberdade*

Se prendes um passarinho
para aprender a cantar,
não lograrás por este caminho,
porque nenhum cantador cativo
é capaz de ensinar.

Abre as portas do cativeiro
e escuta a sonoridade
do canto libertador:
ninguém se educa prisioneiro,
só se educa nas asas da liberdade
e nas raízes do amor.

# *Canção de alegria*

Eu quero ser um cantor
para cantar todas as canções
que cantam os encantos da vida,
canções que espantam
os prantos dos desencontros
e o choro da partida.
Eu quero um canto de encontro
e não de despedida.

Eu quero cantar um canto
de liberdade e de amor,
um canto que cante a alegria e o prazer
e que espante toda forma de dor.
E de sofrimento...

Ainda que por um momento
eu quero ser um cantor
para purgar toda forma de lamento,
eu quero cantar porque o canto
exorciza o horror.

Eu quero cantar uma canção de alegria
uma canção que alegre
a minha nostalgia.
Eu quero um canto de magia,
eu não quero fazer versos tristes,
eu quero alegrar a poesia.

*Bernadete Andrade*

# *Canto Tukano*

Nénê, coaquê, tauémaquê, tatê,
pokê, boánequê, oê, deiú,
êtá, nãama, ná-âne,
naima, nêgnen, tchuitá, naiane,
aimaquê, nutá, nenduro

Tchapera doariporguê,
nanema coma naátani nataúgudjú
nanema coma naitchakó, marê-oc, uipoé.

Tradução

Céu, Sol, Lua, rio,
chuva, vento, fogo, frio,
estrela, caminho, coração,
remo, dia, noite, escuro,
raio, relâmpago, trovão.

Coragem valente guerreiro,
tu tens semente imortal
tu tens flor, fruto, grão.

* Poesia feita a partir de palavras extraídas do "Vocabulário da Língua Tukano", de Nunes Pereira (fac-similado). Coleção Documentos da Amazônia, n.º 16, Edições Governo do Amazonas, 2000.

## *Carniceiro*

Camisa branca, de pano ralo,
manga enrolada e sem botão,
sempre aberta, só presa em nó,
calça escura, sem cinturão,
sempre enrolada no tornozelo,
sandália fina de meter dedo,
às vezes mesmo de pé no chão,
todo dia sempre bem cedo
(ainda trago à minha memória),
o homem negro de pernas tortas,
vindo de lá do curro da Glória
batia de porta em porta
e em tabuleiro oferecia
a carne fresca daquele dia:
Vai dona Maria?

# *Catador de poemas*

I

Sou um catador de poemas
que anda pelo mundo a colher
poemas perdidos no chão,
poemas que distraídos poetas
deixam escapar de suas mãos.

II

Cato pedaços de versos
nos balcões das livrarias,
nas salas dos consultórios,
nas poltronas dos cinemas,
nas portas dos mictórios
e nas igrejas em novena.

III

Cato poemas nas feiras,
cato poemas na beira do cais,
cato nas mesas dos bares,
nos bancos das praças,
nos pontos de ônibus,
nas cadeiras dos barbeiros
e nas bancas de jornais.
Cato ainda nos puteiros
e também nas catedrais.

IV

Mas não cato só poemas
de poetas de profissão,
cato pelo mundo, principalmente,

pedaços de versos feitos por gente
que não sabe que faz poesia
muito menos que faz canção.

V

Cato vozes desarticuladas,
falas perdidas no senso comum,
palavras nem sempre bem ditas,
mas sempre bem extraídas
dos momentos de emoção.

VI

Cato versos que caem dos abraços
na hora em que se esticam os braços
na hora em que se apertam as mãos.

VII

Cato palavras mal-humoradas,
cato palavras só murmuradas,
que espirram do entusiasmo
dos protestos e dos orgasmos.

VIII

Cato poemas inteiros,
por vezes nem sempre perdidos,
algumas vezes abandonados
por amores desistidos.

IX

Cato vozes indecifráveis,
pedaços de frases desconhecidas,
línguas de povos expropriados,
poesias incompreendidas.

## X

Cato poemas estranhos
no rosto da cafetina
que com olhar de desgosto
de uma menina adulta
conta como de antanho
a féria das prostitutas.

## XI

E assim vou caminhando,
catando versos pelo chão,
porque catador de poemas
é uma escolha de vida,
não é profissão.

## XII

Vou tecendo os meus poemas
com esses retalhos de vida
que colho no mundo a granel,
com fragmentos de poesia
por vezes largados na terra,
por vezes jogados do céu.

## XIII

Hoje minha vida é amena,
hoje escolho os meus caminhos,
hoje caminho por outro viés,
hoje sou um catador de poemas
e só ando por onde posso pisar
sem precisar escarnar os meus pés.

## *Cenizas*

Mis noches han sido más largas,
mis sueños han sido más cortos,
las luces del candelero
se murieran parpadeando
como tus ojos querida.

La llama se apagó
dejando una polvareda
en la mesilla de noche,
dejando solo recuerdos,
soplos que flotan en mi vida
como cenizas de amor.

# *Cordel para uma escola de papel*

Peço licença aos professores
e aos poetas de academia
pra escrever estes versos
que faço com muita ousadia,
já que nunca me ensinaram,
nem de longe me mostraram
como se faz poesia.

Faço aqui o meu protesto
contra o monte de doutrina
que me enfiou a escola
como se eu fosse latrina,
um monte de ensinamento
com um monte de regramento
que não serve patavina.

Sem ligar pras coisas belas
que nos trazem alegria
me ensinou muita gramática
matemática e geometria
entupindo a minha razão
e desprezando a criação
não me ensinou poesia.

Que papel tem essa escola
na vida do cidadão,
se dia e noite e noite e dia
só dispensa atenção
pras regras da gramática,
pros cálculos da matemática
e esquece a emoção?

Que papel tem essa escola
que forma uns doutores esporas,
pois quando viram políticos
botam as unhas de fora
e como diz o provérbio,
se aplicam bem os verbos,
as verbas, minha nossa senhora.

Vai formar gente sabida,
mas sabida só de razão,
porque os grandes valores
que libertam dessa prisão,
como justiça e fraternidade,
amor e igualdade,
são frutos de outra lição.

Lição de outra ciência
e de outra academia,
sem as frias normas técnicas
porque vem da poesia
e para poder ensinar
será preciso inventar
uma nova pedagogia.

Eu sonhava com uma escola
que ensinasse ortografia,
regras da nossa gramática,
raiz quadrada e geometria,
mas que ensinasse também
coisas que à beleza convém
como as coisas da poesia.

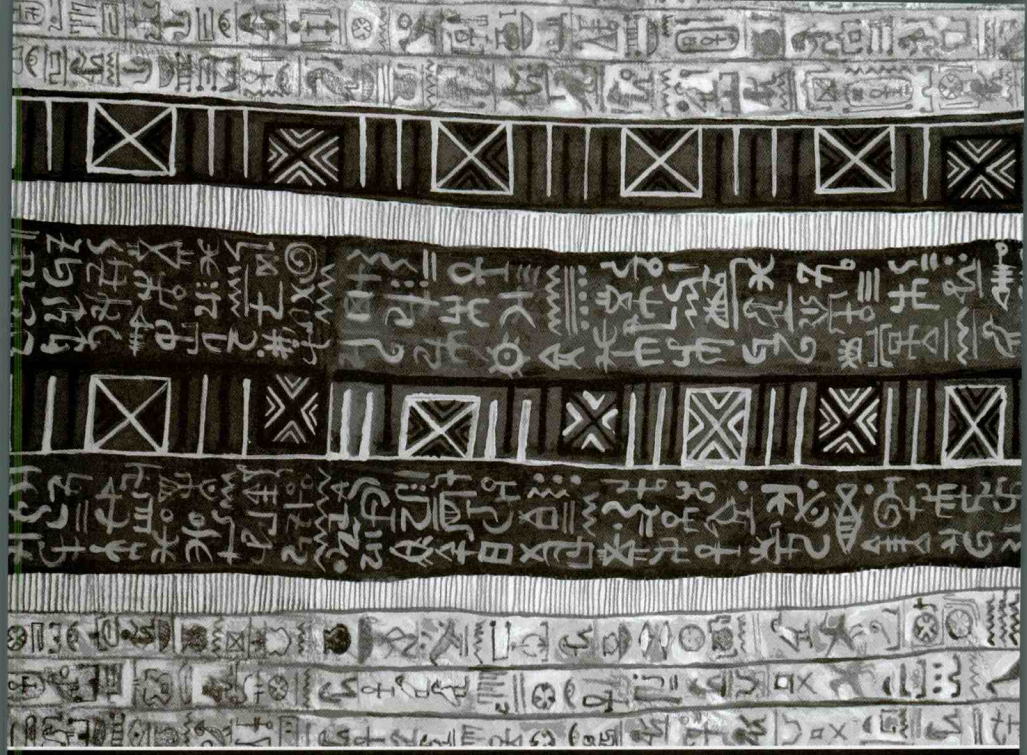
A escola até poderia
formar o tal bacharel,
com diploma de mérito
e também de bom anel,
mas teria mesmo que ser
um bacharel pra valer
e não cidadão de papel.

# *Da vida*

Da vida sei muito pouco,
sei que é feita de feitos
e de fatos muito loucos,
de atos imperfeitos
que comportam muito
pouca explicação...

Às vezes parece que a vida
é tão somente um bocado de trejeitos,
jeitos desajeitados de fazer e de sentir...
outras vezes, parece, simplesmente,
uma necessária forma de mentir

sei não...



*Bernadete Andrade*

# *Dança da chuva*

Um poema amoral

Os pênis mortos,
atados aos corpos,
os seios tortos
e as vulvas tontas,
dançando ritos
em devoção,
pedem aos deuses
que as águas santas
benzam as plantas
e adubem o chão.

# *De bubuia*

Essa mania que a gente tem
de beber na mesma cuia,

essa mania que a gente tem
de dormir na mesma rede,

essa mania que a gente tem
de amar sem ter medida,

ainda pode deixar
a alma da gente ferida
e fazer a gente chorar.

Mas como esse é o jeito
que a gente tem de amar,
se pintar esse perigo
eu pego a rede e a cuia,
te chamo e tu vens comigo
pra gente ficar de bubuia
até o perigo passar.

## *Desista*

Jamais nos veremos inteiro,
a imagem que vemos no espelho
é só um ponto de vista.

## *Desejo*

Eu gostaria de ser um sábio,
não para ensinar verdades,
tampouco para receber lauréis,
mas para conhecer
os segredos do silêncio
e poder conversar
com quem não sabe ouvir.

## *Dissonâncias*

Vocês vão me enlouquecer,
ora pedem pra eu ser criança
ora pedem pra amadurecer.

## *Dizer o que?*

Eu sinto muito por não poder dizer
tudo o que sinto, porque é muito.

## *Dúvidas*

Vivo ávida de vida,
vivo indócil e dividida
entre a dúvida da morte
e a dádiva de estar viva.

# *Casa de caboca*

No terreiro, uma vassoura... e um menino nu,
sentado no chão, ao lado de um cão esquálido.

Nas paredes de madeira, um par de armador...
em uma delas, manchada por uma goteira,
uma antiga pintura de Nosso Senhor.

Sobre a mesa, chamas de uma lamparina
balançam fluidas como dançarinas do ventre
e lançam fuligens que tingem as palhas da sala.

No quarto, sozinha, se embala uma criança
e o ruído da rede avança manhoso até o quintal.

Na cozinha um jirau... sobre ele um terçado de aço,
uma panela queimada e canecos de lata areados.
Embaixo, um fogareiro... e restos de carvão.

De caibro a caibro, sob goteiras de luar,
uma rede se estica por cima de um velho fogão.

Embaixo da mesa, presa às pontas de um lençol,
uma trouxa de roupas a serem lavadas à mão...
E duas pedras de anil...

Ao lado, de esmalte branco, um trincado bacio...

No canto, um pote de barro.
Na beira do pote a ponta do púcaro...
No púcaro, uma jia.

No fundo da gaveta do surrado roupeiro,
os instrumentos de um sagrado ritual:
um caco de espelho, um toco de batom vermelho
e uma ocarina feita de uma fina louça oriental.

## *É isso aí companheiro!*

À minha geração

O tempo nos dá a certeza
de que não haverá tempo
para vermos o sonho chegar,
o dia em que as pessoas
se abraçarão com franqueza,
pelo simples prazer de abraçar.

Enquanto todas crianças
não tiverem direito à infância
enquanto a vaidade dos homens
ainda preponderar,
as pessoas não se abraçarão
com franqueza
pelo simples prazer de abraçar.

Não haverá tempo pra vermos
o dia do sonho chegar,
mas deixa pra lá companheiro,
nossa luta não foi em vão,
esse abraço a gente deixa
sem ressentimento ou queixa
para a próxima geração.

# *Em busca do significado das signinfâncias*

Conforme as lições de Manoel de Barros,
o poeta mais passarizado do mundo.

## I

É preciso ser passarizado
para poder enxergar as coisas insignificantes,
porque elas não estão apenas aos rés dos nossos pés.
As crianças enxergam porque toda criança
nasce passarizada.

## II

É preciso ser desortografado
para poder escrever desnomes, desinventar objetos
e enxergar as disfunções das coisas.
As crianças enxergam porque toda criança
nasce desortografada.

## III

É preciso estar em estado de primavera
para poder ouvir os silogismos estéticos
que há nos cantos e nos encantos de um sabiá,
porque os encéfalos não conhecem
os significantos de um cantar.
As crianças conhecem porque toda criança
nasce em estado de primavera.

## IV

É preciso ter humildade
para aprender a apalpar as coisas inominadas
porque as insignificâncias se escondem
nas intimidades do mundo.
As crianças aprendem porque toda criança
nasce pesquisadora.

## V

É preciso conhecer as "ignoranças"
para poder usar palavras que ainda não tenham idioma,
porque as coisas insignificantes só podem ser descritas
por palavras desacostumadas.
As crianças usam porque toda criança
nasce sábia de "ignoranças".

## VI

É preciso que a escola não despassarize mais as crianças
e que liberte as palavras desacostumadas,
porque as palavras acostumadas não dão delírio ao verbo,
e o verbo, desalado, não tem significado.

Celebração ao poeta Manoel de Barros:
Para entender as insignificâncias de uma pessoa áptera
é preciso saber que toda criança nasce passarizada,
a escola é que a despluma e a desala.

# *A la orilla del Lago Ana*

Para mis hijas Bárbara y Raíssa

Yo fui testigo de dos amores,
a la orilla del Lago Ana,
debajo un arco vestido con flores,
sobre un campo florido de grama.

Bajo la bendición de un ministro,
una mezcla entre un cura y juez,
bajo la palabra del libro sagrado
yo vi, a la orilla del dicho lago,
un par de parejas felices,
yo vi un amor nacer
y otro amor ser sellado.

A la orilla del Lago Ana
entre people y personas
yo fui testigo que el amor
no tiene patria, ni color,
ni depende de un idioma.

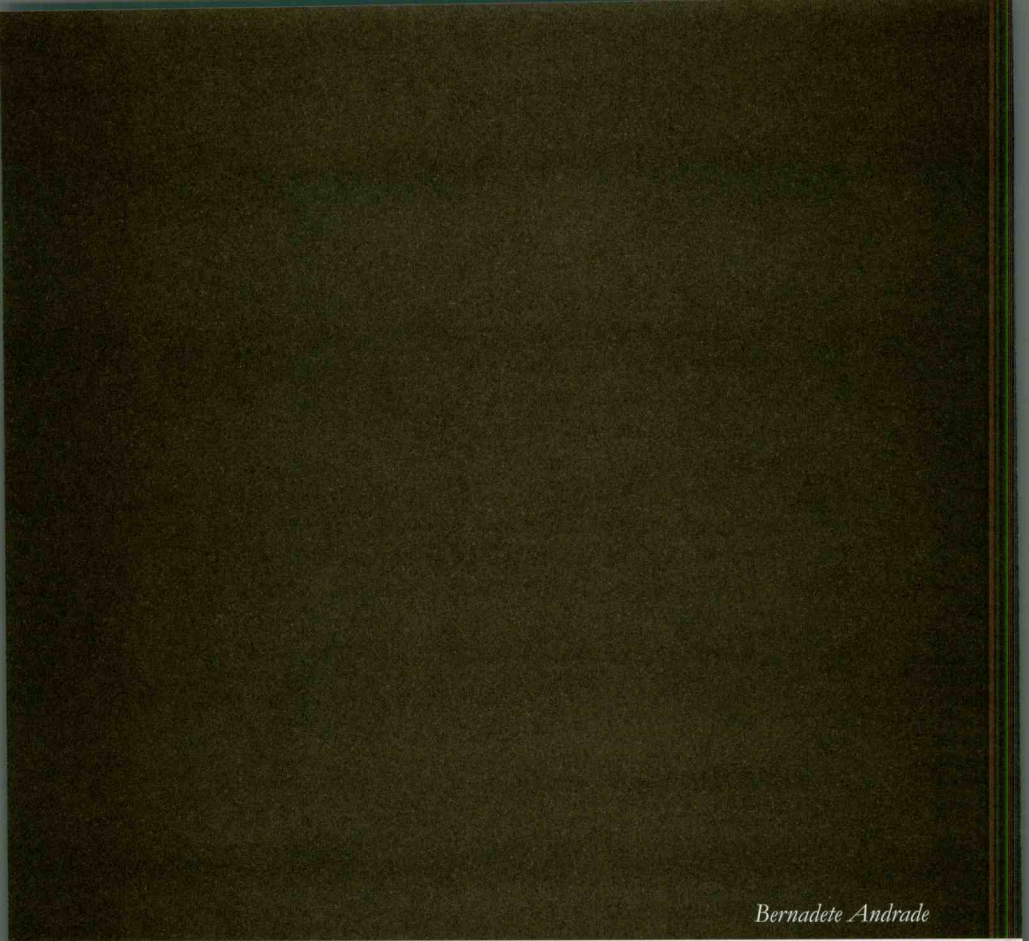
Yo fui testigo de los amores
de un par de parejas de hermanos
mientras dos de ellos se casaban,
a la orilla del Lago Ana,
los otros dos se enamoraban.

En el fondo del Lago Ana
habita un dragón diferente
no escupe fuego en nosotros
conspira a favor de quien ama.
Yo fui testigo de dos amores
a la orilla del Lago Ana.

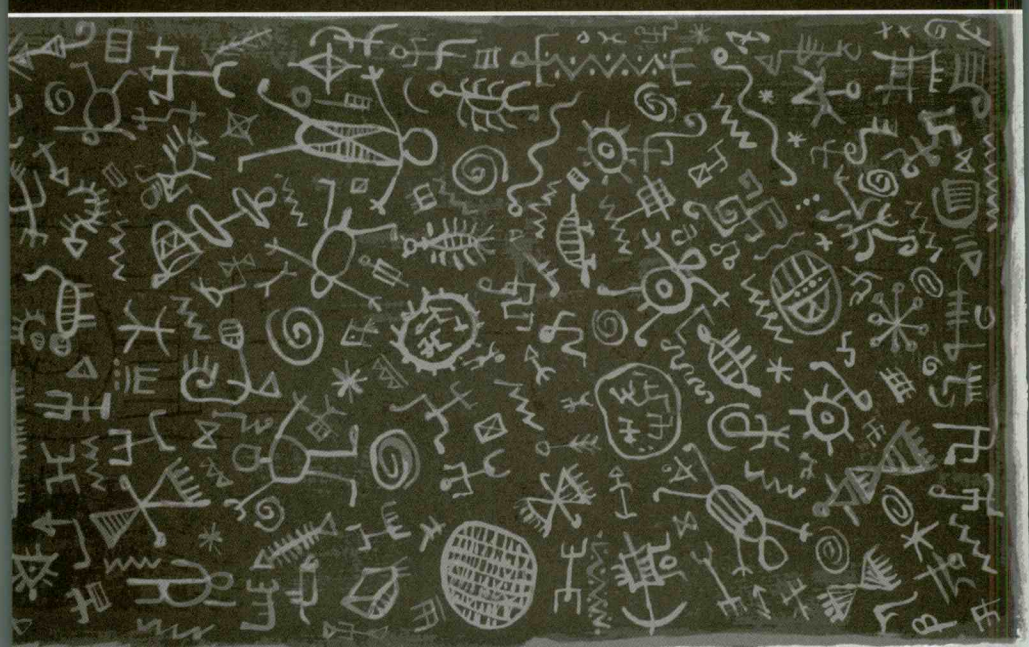
(Lake Anna –Virgínia, USA, septiembre 2007)

## *Encontro*

Não sei se é uma questão de cor
ou de intensidade do amor
mas todas as vezes que eu
vou ter com a poesia
eu volto mais encarnado.



*Bernadete Andrade*



# *Escrever é preciso*

Ainda que me caia o mais forte temporal,
eu seguirei adiante, escrevendo,
mesmo que seja uma rude consoante,
mesmo que seja uma troncha vogal.

Ainda que venha a ficar mouco,
ainda que venha a emudecer,
isso importa muito pouco,
só preciso dos meus olhos
e de minhas mãos para escrever.

Escrever é o que me importa,
ainda que a palavra saia torta,
ainda que seja um simples rascunho,
importa que não parem os meus punhos.

Escrever é tudo que eu preciso,
é o que faz pulsar o meu coração;
não importa se minha poesia é um improviso,
importa que não me ceguem os olhos
importa que não me amputem as mãos.

# *Espagíria*

Alquimistas das palavras,
feiticeiros de amores,
demônios de mil ilusões,
loucos, deuses, transgressores,
obreiros de frases aladas,
midas das expressões.

Eles pisam nos astros
com seus passos distraídos
fazem luas que com rastros estendidos,
furam o zinco dos barracos desvalidos
e iluminam de dourado o sertão.

Esses seres muito estranhos,
juremeiros de mil sonhos,
gênios quase profetas,
não são entes extraterrestres
nem são seres transcendentes,
são pessoas como a gente,
são, entretanto, poetas.

## *Esperançar*

Espero nunca chegar
porque assim não paro
de caminhar.

## *Estações*

Numa tarde de verão,
na folha do meu caderno,
desenhei a palavra flor.

No outono a folha caiu,
o botão hibernou no inverno,
mas na primavera saiu
e a rosa desabrochou.

## *Frigidez*

Um boneco de neve,
com nariz de cenoura,
namora a imóvel
boneca de neve,
com cabelo de vassoura.

## *Epitáfio*

Quando eu deixar esta vida
não me deem de epitáfio
aquela frase abjeta,
de lugar-comum repetida:
"Aqui jaz mais um poeta".

Quando eu deixar esta vida
– perdoem-me pela imodéstia -
escrevam de forma indelével
na testa do meu cenotáfio
este epitáfio fecundo:
"Sempre que morre um poeta,
morre um pedaço do mundo".

## *Estrelinha*

Um mimo a Stela

Quando a noite fica nua
uma brilhante estrelinha
aparece vizinha à Lua
e quando isso acontece
eu faço a ela uma prece,
mas na hora da oração
eu engano a estrelinha,
eu troco o nome dela
de estrelinha para Stela
pra atender meu coração.

# *Eterna saudade*

Estarei contigo sempre,
em todos os lugares
e em todos os momentos
que me desejares.

Estarei no teu quarto,
no teu sono, nas folhas
em branco da tua agenda.

Estarei em todos os teus
caminhos, nas estradas
ou nos barcos, nas ruas
de quaisquer cidades e
nos campos das fazendas.

Estarei no encanto do boto,
nas tuas noites de luar, nas
correntezas dos rios que se
encantam nos seus encontros
mas não se podem misturar.

Estarei na tua fala, no teu
silêncio e na tua bondade,
na corujinha que enfeita a sala,
no teu medo e na tua coragem.

Estarei contigo sempre
que quiseres me sentir,
mas se não me vires ao teu
lado, não exaspere o coração,
eu não fugi, estarei disfarçado,
escondido nos segredos da tua
alma, reavivando tuas recordações.

Não importa se vens ou se ficas,
qualquer que seja a tua escolha,
serei do tamanho da tua vontade.
Só não me peças pra sair porque
quero ser eternamente a tua saudade.

## *Favas contadas*

Os poetas morrem de medo
de contar todos os segredos
que suas palavras contém,
por isso delas só contam
aqueles que lhe convém.

## *Filolocídio*

Por que partes logo agora,
na hora em que vou parir
os poemas que trago no ventre,
grávidos de amor por ti?

Não quero meus versos órfãos,
prefiro meus versos mortos.

E como haraquiri
não é crime de aborto
nem tampouco de homicídio,
furo o meu ventre com a pena,
rasgo todo o meu poema
no meu filolocídio.

## *Filosofês*

ou da possibilidade de uma linguística emocional

Dizem que a palavra saudade
só existe em português
e que só é possível filosofar em alemão.

Quanta barbaridade!

Sentimento e pensamento
não têm nacionalidade
nem precisam tradução.
Isso é coisa de algum velho albanês
que não teve a sensatez
de pensar com o coração.

## *Fragor*

Ao poeta Simão Pessoa

Não abra mão do seu humor
e chute tudo o que não lhe afeiçoa.
Se mão abafa, pé soa.

# *Frêmitos*

Se aguçares os teus ouvidos
ouvirás os bulícios dos meus versos
– arruinados ruídos dispersos.

Ruído puído, ruído rasgado,
ruído cerzido, ruído emendado.

Ruído expandido, ruído alastrado.
ruído inibido, ruído podado.

Ruído exaurido, ruído esgotado,
ruído exibido, ruído exarado.

Ruído mouco, ruído rouco,
ruído louco, ruído douto.

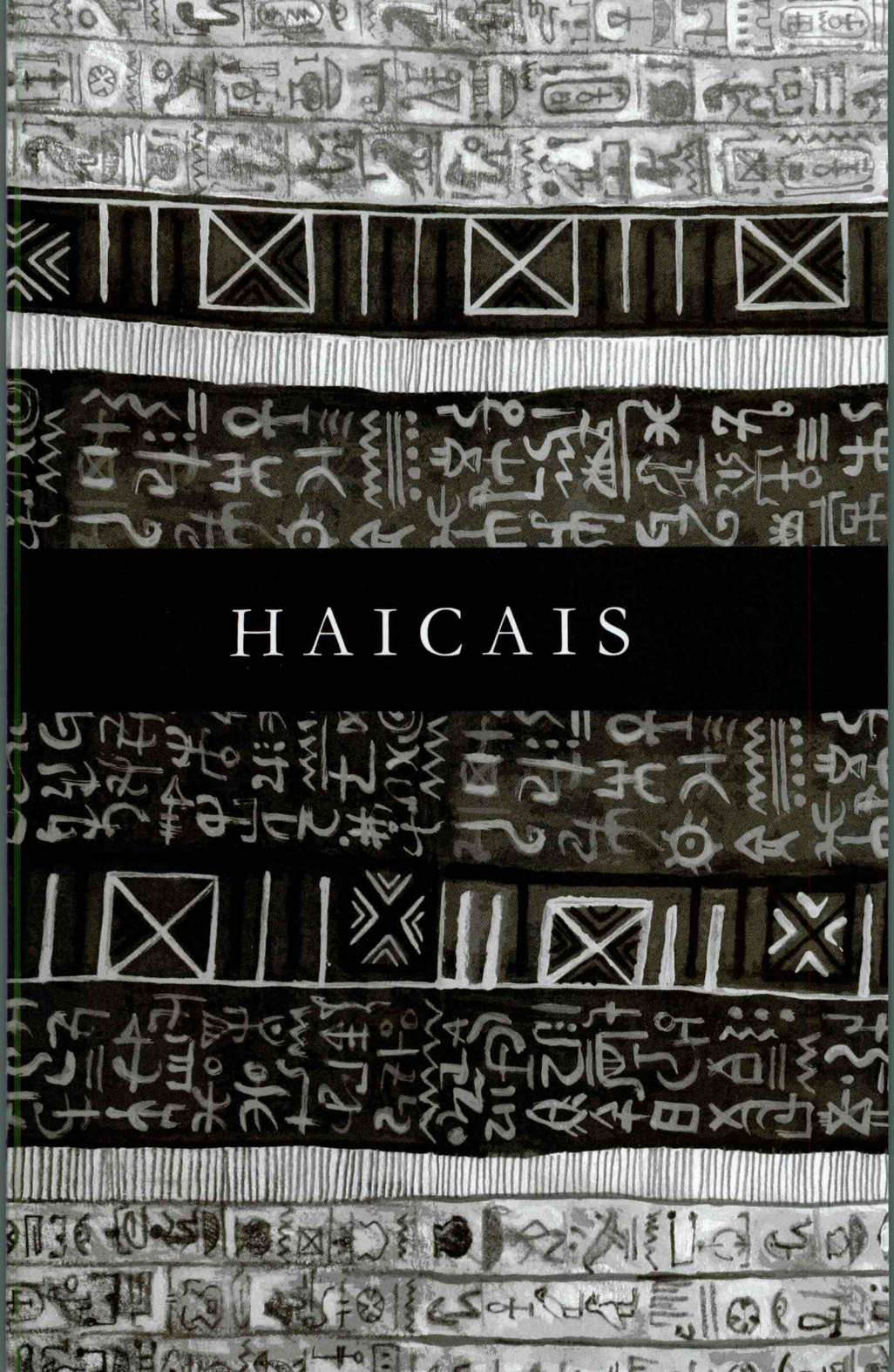
Ruído roído, ruído ralado,
ruído rugido, ruído rosnado.

Ruídos sórdidos, ruídos mórbidos,
ruídos polêmicos, ruídos eufêmicos,
ruídos endêmicos, ruídos anêmicos,
diversos versos dispersos de uma
alma em frêmitos.

# *Greve (quase) geral*

Param as máquinas
e todos os homens
de chave na mão,
os tratores e os arados,
as foices, os terçados
e os facões.
Param olhares engravatados
nos homens parados no chão.
Param o pedreiro,
o torneiro e o pintor,
para o homem do portão,
param todos explorados,
camponeses e operários
para o roubo do patrão.

Só não param os amantes,
traficantes de amor,
nem os úteros nem os adúlteros,
bêbados nem infiéis,
não param os cantores,
os atores e escultores,
nem suas mãos entre os cinzéis,
porque a luta não é contra o amor,
nem contra a beleza
e nem contra a paixão.
Quando uma flor desamou
fazendo greve com o chão?


HAICAIS

## Os rios

Surpreendentes
são os rios que
só correm para frente

## A floresta

O único ar que
ainda presta
é o ar da floresta

## O óbvio

No obituário
não se registra
aniversário

## Haicai autêntico

Aquele velho japonês
coitado, se gritar hai,
ele cai.

# *Haicais sensuais*

1

Quando tu beijas
o meu pescoço
fico duro qual osso

2

Quando eu beijo
as tuas coxas elas
ficam bem frouxas

3

Quando a gente
se beija junto
acaba o assunto

# *Calendário anual*

**Janeiro**

A esperança do
ano novo repõe
força no povo

**Fevereiro**

Alegria e fantasia
acabam sempre
em três dias

**Março**

Fim do carnaval
agora tá tudo de
volta ao normal

**Abril**

Dizia vovó ao
Zé Paréu,
abril, chuvas mil

**Maio**

Estou cansado
esperando chegar
o próximo feriado

**Junho**

Pro meu São João
fiz a fogueira e
comprei meu balão

**Julho**

Enquanto o mês não
se acabar tô com as
pernas pro ar

**Agosto**

Ao meu bom Deus
peço a graça pra não
ter mais desgraça

**Setembro**

Chegou minha dor:
sem água do céu
e só com muito calor

**Outubro**

Mais esperança:
mês de outubro
mais sorte às crianças

**Novembro**

Cheiro de vinho
anunciando que
Natal vem chegando

**Dezembro**

É advento. Jesus
vai chegar, é hora
de perdoar

# *Calendário semanal*

**Segunda-Feira**

Que não pareça
mas a preguiça
só acaba na terça

**Terça-Feira**

Uma jornada
ainda amena:
tem feira e novena

**Quarta-Feira**

Fim da preguiça
e ainda vai demorar
o domingo chegar

**Quinta-Feira**

Um dia cheio, muito
trabalho para ter
meu dinheiro

**Sexta-Feira**

Já tô cansado
e vou relaxar
chope e papo no bar

**Sábado**

Fim de semana
é só descansar
de pernas pro ar

**Domingo**

Depois do almoço
e ao fim da missa
recomeça a preguiça

# *Ícone-Ícaro*

A Airton Senna

Qual um banzeiro teimoso,
correste ruidoso em desatino,
e sem pátria,
tal um pássaro majestoso,
arribaste aos continentes,
sempre chegando à frente
trazendo nas mãos o destino.

Em leito hermético e parco
sobre os rios, feito um barco,
teus sonhos em vão navegaste.
E sem bandeirinha na mão,
sem leme, sem eira e sem quilha,
a estibordo da vida
no beiradão atracaste.

Batendo com a proa do casco,
tamburello barranco da sorte,
baixaste o troféu da vida
e ergueste a bandeira da morte.

Lamento, banzeiro teimoso,
se não decifraste do rio, os segredos,
se não desvendaste
os mistérios do ar,
lamento se te deixaste imolar,
intrépido ícone-ícaro,
faltou-te a ciência das águas
faltou-te aprender a voar.

*Bernadete Andrade*

# *Ideogramas da vida*

À minha amiga Berna

*Fetos de gente,*
*embriões de insetos,*
*germes de minhocas,*
*dejetos de micróbios*
*protótipos de gênios*
*e de idiotas*

Habitam úteros quadrados
para nascerem adaptados
a essa trama malparida.

Códigos do drama da vida!

Ventres nus, engravidados
em tabuleiros de damas,
com espermas ejaculados
por anjos azuis.

# *Imagens*

Eu vi uma ruga impressa no meu rosto,
num discreto sinal de canseira.
Eu vi um fino fio de prata mal exposto,
desbotando a minha negra cabeleira.
É... Já é hora de trocar o mais depressa
o decrépito espelho fosco
da minha velha penteadeira.

## *Filosofia do amor*

O que se sabe do amor
é que não pode ser sabido,
e nem tampouco obtido,
porque o amor é como a verdade
melhor do que a ilusão de possuí-lo
é o prazer em persegui-lo.

Só um amor perseguido
é um amor vivendo,
um amor renascendo.
Só um amor perseguido
é um vir-a-ser de amor havendo,
porque não há amor havido,
só há amor havendo.

# *Intolerância poética*

O que há contigo querida?
Por que recusas as poesias
que te dediquei?

Dei-te um poema de amor,
disseste que era piegas.
Dei-te um que fala em Deus,
disseste que Deus tu renegas.

Dei-te um poema engajado,
disseste que é ultrapassado.
Dei-te um que fala de dor,
disseste que isso é tragédia.

Dei-te um outro com humor,
disseste: poesia não é comédia.
Dei-te um sobre a infância,
disseste que é saudosismo.

Dei-te um sobre a minha terra,
disseste que é regionalismo.
Dei-te um poema rimado,
disseste que doem teus ouvidos.

Dei-te um bem sensual,
disseste que sou pervertido
disseste que eu estava no cio.

Então me perdoa, querida,
deixe em paz minha poesia
e vá à puta que pariu.

## *Liberdade*

A poesia só tem uma norma,
mas que é todo o seu decreto:
o poeta não necessita ser
poeticamente correto.

## *Mal de amor*

Se dor de amor se cura com novo amor,
ofereço-te uma solução agora:
deixemos de nos amar neste instante
para voltarmos a amar sem demora.

E se temes que renasça a mesma dor,
ofereço-te uma outra solução:
enganemos nossos medos e temores
transplantando os nossos próprios corações.

Mas se de outra natureza for o mal
não me engana, por favor,
e com franqueza diz-me qual,
pois a única dor de amor que não tem cura
é a loucura de não poder ter mais amor.

# *Manaus*

Ao poeta Carlos Drummond de Andrade

Perdão, poeta, mas vou cantar
a minha cidade,
não como cantaste a tua, eu sei,
afinal tu és um poeta de ferro,
eu sou de madeira de lei.

Não quero dramatizar,
deixa apenas eu revelar
dois segredos desta casa:

Manaus tem seu caos,
seus tumores, seus horrores,
suas dores e loucuras,
mas a sua floresta
tem o perfume das madeiras
e as madeiras, suas curas.

Em Manaus, a vontade de amar
não é paralisante,
porque nela o amor aflora,
como faz a sua flora,
nela o amor conspira.
Por isso, poeta, em Manaus
ninguém é de ferro
como na tua Itabira.

## *Manhãs*

Ao poeta João Cabral de Melo Neto

As manhãs da minha cidade
não são tecidas pelos galos
como foram as de João Cabral,
porque na minha cidade já não
há mais galos, nem quintal.

## *Meu beco*

Sempre que volto ao beco
da minha segunda infância
– muito habitado e estreito,
mais parecido a uma estância,
vejo que não perde o seu jeito
de um condomínio de esperança

E haja cachorro, e haja criança...

## *Meus galos*

Já não suporto mais
ouvir de noite e de dia
a pregação de ideologias
de tantos pretensos vestais.

Vou viver agora assim,
ouvindo cada vez mais
os galos dos meus quintais
que cantam dentro de mim.

## *Motivação*

O que me faz fazer poemas,
mais que a musa ou o tema,
são os ruídos produzidos
pelo atrito dos fonemas.
É ver operar-se a magia
na palma da minha mão:
escrever uma poesia
e ter ao fim uma canção

# *Moção de caboco*

I

Eu não deixo a minha terra
pela terra de ninguém,
aqui eu tenho de tudo,
tenho coisas que ninguém tem.

II

Tenho toda a água do mundo,
tenho todo o peixe do rio,
tenho ovos de bicho cascudo
pro arabu e pro mujangué,
tenho a farinha da mandioca
pra engrossar meu chibé.

III

Tenho a bôta nos dias de cio,
tenho o cio também de mulher,
tenho todos os remédios do mato,
tenho a cura do santo pajé.

IV

Tenho tempo pro remanso,
tenho tempo pra trabalhar,
tenho rede pra dar o lanço,
tenho rede pra descansar.

V

Sou caboco do beiço roxo,
tenho rachaduras no pé,
perebas no tornozelo,
tatuagens de carapanã,
tenho o meu panavueiro
e minha roxa cunhantã.

VI

Jamais deixaria minha terra,
jamais minha raiz cortaria,
sou filho das teogonias,
sou titã da mãe natureza,
sou filho da sua harmonia,
sou fruto da sua beleza.

VII

Nasci da raiz da floresta,
aqui a minha vida se infesta
e aqui ela vai acabar,
eu não deixo a minha terra
porque na palavra caboca,
aquele que vem do paú,
ao paú voltará.

# *Moradas das doze Muiras*

Onde moram as doze Muiras?

Muiraúba, no Iranduba
Muirapixi em Itamarati
Muirajuçara em Itacoatiara
Muirapucu em Manacapuru
Muirapiranga em Itapiranga,
Muirapixuna em Ipixuna
Muirapuama em Canutama
Muiratinga em Tabatinga
Muiraximbé em Manicoré
Muiraquitã em Anamã
Muirajuba no Furo do Paracuúba
Mirapaxiúba nos barrancos
de Urucurituba.

## *Motor da Linha*

Todos os dias, de manhãzinha,
o Motor da Linha subia o rio.

Todos os dias, bem a tardinha
o Motor de Linha descia o rio.

E ia e vinha e ia e vinha.

Até que então, certo dia,
já à noitinha, o Motor de Linha
subiu o rio e nunca mais voltou.

Ninguém mais o viu à sua frente,
submergiu de repente, naufragou.

## *Mungubas*

Quando plumas cintilantes
de mungubas voam ao longe,
ligam à distância os amantes
e podem a qualquer instante
reviver uma grande saudade.

Por isso, preste bem atenção:
se numa noite quente
qualquer de agosto,
uma pluma de munguba
pousar no seu rosto,

não sopre esse corpo brando,
deixe-a na face em descanso
ela é um mensageiro zeloso
de um saudoso beijo que lhe mando.

## *Navegar é preciso*

Se já não posso beber,
se já não posso fumar,
e agora por quê?
por que reclamar?
eu vou me mandar.

Se estou sem mulher,
se estou sem carinho,
eu vou é dar no pé,
ora dane-se a pedra
que há no caminho,
ora dane-se o mundo
que eu me chamo José.

Navegar é preciso quando
a alma não é pequena!
Isso sim que vale a pena,
isso sim pra mim é lei,
por isso eu vou me mandar
e nem que seja de catraia
vou-me embora pra Atalaia
porque lá sou amigo do Nei.

# *O bêbado e o desequilibrado*

Eu tenho medo de uma cidade
que não tem um bêbado.
E também tenho e não é pouco,
daquela que não tem um louco.

Se a tua cidade não os tem,
não espera por ninguém
e começa a organizar.

Muda todos os feriados,
põe o carnaval nos finados
junto com o dia da sogra,
acaba com as drogas de
deputado, psiquiatra e delegado
e tu vai ver que a coisa voga.

Abre as portas dos botecos
e também as do hospício
ensina ao povo o sueco
e a importância do solstício

Bota samba no pé de uma freira,
corta o prozac dos burocratas,
põe cachaça na cafeteira
e tira a rede dos acrobatas

Ensaboa os trapezistas,
dá o mote pro repentista,
senta a bunda na cadeira
e vai te divertir com os *clowns*
preferidos do Bandeira.

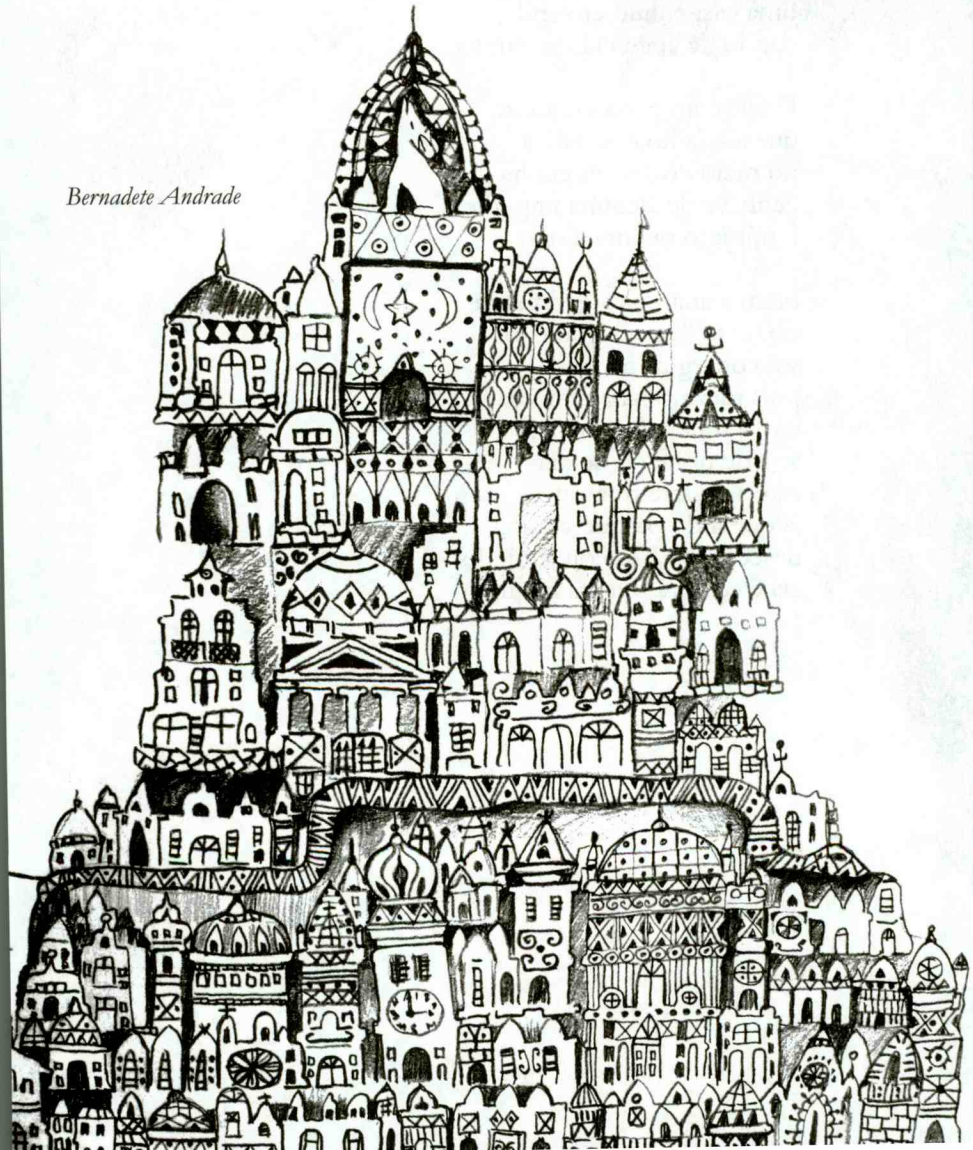
# *Oitenta e oito*

No torto e estreito beco,
em meio a duas nanicas,
uma casa muito enxerida,
dando de aparecida se punha.

E feito um pescoço afoito
que ainda hoje se estica,
no meio do aperta-cunha
ganhava de alcunha impudica
o número oitenta e oito.

Nem a anárquica geometria
do torto beco da indústria
vai conseguir ocultá-la,
pois mesmo na assimetria
não é difícil de achá-la,
seja de noite ou de dia
esteja o carteiro afoito,
já que indo ou que vindo,
descendo o beco ou subindo,
ela é sempre oitenta e oito.

*Bernadete Andrade*



# *O que mais podes querer?*

Se já me roubaste o amor,
se já me roubaste a alegria
se já me roubaste a paz,
o que mais podes querer?

Termina de vez comigo,
satisfaz tua sanha direito
faz uma incisão no meu peito
e arranca a raiz do amor.

Só faço a ti um pedido,
atenda o meu querer,
por favor não leva contigo
minha vontade de morrer.

## *Palavras não são cadáveres*

Os poetas dissecam palavras
como os cientistas os corpos
inanimados.

Mas os poetas o fazem para
extrair ânimos e significados.

## *Paraduras de Enero*

À luz de velas acesas,
aos pés da Sierra Nevada,
subindo e descendo ladeiras,
e cantando às matinadas,
desfilam as Paraduras
orando à sua maneira
certezas de sua cultura

Em procissões andinas,
e sob orações divinas,
o povo crente de Mérida
durante o mês de janeiro,
cumpre sua efeméride
fazendo-se em cada esquina,
de Deus um bom mensageiro.

## *Partida*

Tu podes chorar as despedidas
de todos os teus desamores
mas nenhuma separação é partida
ainda que te tragam mil dores

Partida só haverás de saber
no dia em que perceberes
que já não te podes mais ter
e que já te foste de ti
porque a verdadeira partida
é aquela que sem despedida
deixa saudade de si.

## *Ponderação*

Como posso ficar aqui
repetindo a velha ciência,
insistindo na mesma crença,
enquanto o mundo muda e gira,
vira e revira a história,
ponderando o conhecido
e até mesmo o sentido
da tão perseguida vitória?

# *Poeta alucinado*

Poeta é um ente que lambe as
palavras e depois se alucina

Manoel de Barros

Um homem foi internado
na UTI de uma livraria para
se desintoxicar de poesia.

Chegou à condição extrema
de beber todos os versos
de cheirar todas palavras
de fumar todos os poemas.

Diagnosticado e comprovado:
dessa loucura ninguém se cura.
Aquele homem está condenado
a ser um poeta inveterado
por consumir poesia pura.

# *Poeta selvagem*

Ao poeta Eliakin Rufino

Na beirada do rio branco,
lá em cima do barranco,
mora um poeta selvagem,
um poeta solto na selva
que não tem freio na língua,
que não tem rima cortada
nem cabresto nas ideias.

Lá em cima do barranco,
na beirada do rio branco,
trota o poeta selvagem
seus versos de alegria,
e tal personagem de lenda,
na sua selvageria,
corre livre e salta cercas
dos limites das fazendas.

Rebelde poeta selvagem,
com a força da sua imagem
transforma seu verso em galope.

Poeta de boa fala,
poeta de boa escrita,
poeta de bom ouvido,
poeta de boa vista,
eis o poeta selvagem,
selvagem é só apelido,
seu nome é mesmo poeta,
selvagem poeta atrevido.

## *Prudência*

Para imóvel a cunhã,
enquanto as onças
sonsas banham-se
nas águas mansas
do Rio Tarumã.

## *Pororoca*

Roncam roucas, feito broca,
urram e empurram a pororoca,
as águas do rio, sem parar.

É o vento avocando
a paternidade das ondas,
e o rio avocando
a maternidade do mar.

## *Presságio em Sete Versos*

A cada sete semanas
mande acender sete velas,
daquelas de sete dias
para que possa espantar,
antes mesmo que apareça,
o bicho de sete cabeças
que dá sete anos de azar.

# *Professando*

O significado da vida não está nos livros da escola, mas nos relacionamentos humanos.

Mário Lago

A verdade pouco ensinada
e também pouco aprendida,
é aquela que nos revela
que a palavra da escola,
mesmo que bem proferida,
é só parte da verdade
e nunca a verdade da vida.

Por isso é muito importante
que fales das coisas da vida,
pois as tuas experiências
são com toda a certeza
o capítulo mais importante
desse livro de existência.

Vem e nos diz com firmeza
das razões das tuas dores,
fala-nos dos teus prazeres,
conta-nos dos teus amores
e até das tuas feridas,
porque a palavra da escola,
mesmo que bem proferida
é só parte da verdade
e nunca a verdade da vida.

Deixa falar o teu coração,
deixa que ele nos conte

os teus sonhos, o teu amor pela vida,
os teus ódios e as tuas paixões.

Constrói a tua história
escreve as tuas palavras,
entoa as tuas canções,
tira de dentro do peito
aquele dormente guerreiro
e faz tua guerra ligeiro
antes de ser abatida,
porque a palavra da escola,
mesmo que bem proferida
é só parte da verdade
e nunca a verdade da vida.

Custo, que importa o custo?
Se tua alma não é pequena,
assiste razão ao poeta,
farás um mundo mais justo.

# Quatro
## *singelos poemas de amor*

Ofereço estes quatro poemas singelos às pessoas simples, àquelas que ainda coam café, que ainda escrevem cartas à mão e que gostam de fazer coisas amenas, como andar de chinelos. Pessoas com humor, que ainda riem de piadas; que gostam de rimas em quadras e ainda acreditam no amor. São quatro poemas singelos de amor para quem acredita que a simplicidade é cortesia, que a honestidade é virtude.

# *Quatro quadras singelas de um amor avoado*

(Amor de Beija-Flor)

Um beija-flor apaixonado
beijou tanto a sua flor
que deixou todo escarnado
os lábios do seu amor.

Ainda de olhos fechados
o passarinho beijador
beijou os lábios encarnados
da moça do regador.

Foi beijando insaciado
e nem percebeu que beijou
deixando todo amassado
o bico do regador.

Voou desconfiado
com gosto de lata e carmim
e foi beijar apaixonado
noutros bosques e jardins.

# *Quatro quadras singelas de um amor retratado*

(Amor de Retratista)

Depois de tirar teu retrato
recortei teu rostinho e colei
com jeitinho e em bom formato,
no anverso do meu Agnus Dei

Amarrei três palmos de fita
a modo de fazer um colar,
depois pendurei no pescoço
pra gente não mais separar

Agora não tem mais jeito
ainda que de mim tu desista
já estás pra sempre no peito
do teu amado retratista

Mas não te troquei por ela
como parece, Senhor,
só botei do teu lado a minha bela
pra tu abençoar nosso amor.

# *Quatro quadras singelas de um amor friccionado*

(Amor de Roçador)

No escurinho do cinema
um casal de namorados
não olhava para a cena
pois tava de olhos fechados

Foram à última poltrona
pra fugir do lanterninha
ficavam tal uma sanfona
toda vez que ia e vinha

Pra não ter nenhum problema
mandou seu nariz, com cautela,
seguir o cheirinho de alfazema
pra fungar o pescoço dela

Roçou tanto o seu nariz
que quando a luz acendeu
todo mundo percebeu
que foi um namoro feliz.

# *Quatro quadras singelas de um amor desavexado*

(Amor de Comodista)

Foi num barco de recreio
no escuro do rio Juruá,
não deu tempo pro asseio
nem deu tempo pra noivar.

Um baita de um banzeiro
numa só sacudidura
jogou na rede ligeiro
uma caboquinha escura.

Como ela caiu encaixada
e aí num tinha mais cura,
casaram na mesma pegada
fazendo todas as juras.

E o casal não precisava
de fazer as cortesias
o banzeiro rebolava
e a corda da rede gemia.

## *Que pena este poema*

Manaus é um caos.

## *Relativismo*

O Nelson Rodrigues torcia
pra que alguém lhe contrariasse
sempre que dizia em desdém
que toda unanimidade é burra,
porque se ninguém discordasse
sabia o nosso Rodrigues,
que seria unanimidade também.

# *Quietações*

De repente vem aquele vazio
e enche de nada a alma da gente.

Tudo fica mudo e nada fica presente.

É como se a palavra ficasse oca,
é como se a fé ficasse pouca
e os sentidos ficassem ausentes.

Tudo fica constante e nada fica breve.

É como se o verbo tivesse afasia,
é como se as bocas fizessem greve
e já não houvesse mais poesia.

Tudo fica estimado e nada fica preciso.

É como se o olhar ficasse a esmo,
é como se a gente olhasse indeciso
e visse os outros na gente mesmo.

É um instante de vazio,
é um baldio que atormenta,
é um momento de desapego,
uma prévia do eterno sossego,
que a alma experimenta.

# *Réquiem ao poeta*

Ao poeta Mário Quintana

As palavras, em poesia,
conspiram pela existência
e na sua mais pura clemência
da vida elidem a agonia
e da morte até os horrores.

Quem de vida se esvazia
se pelo menos por um dia
cantou em versos amores?

Por isso, poeta não morre,
nos versos, poeta absorve
e vai transmutando aos pouquinhos,
uns até viram flores
alguns outros, passarinhos.

E no juízo final,
mesmo julgando a revel,
os deuses da poesia
cumprirão a liturgia:
poeta barrado na terra,
poeta é três vezes no céu.

## *Resistência*

O comunista amazonense
é um camarada resistente,
em vez de tomar Coca-Cola
ele só bebe Regente,
e em vez de vestir calça Lee
ele só veste o tururi.

## *Rima*

A caipora é criação
dos caipiras de Pirapora.
Pode até não ser, mas
se rima, Nossa Senhora!!

# *Condições*

Se for pra ficar eu não vou
se for só por ir eu não volto
se for pra pedir eu não dou
se for pra aderir eu não voto.

Se for pra parar eu não ando
se for pra mentir eu não falo
se for pra servir eu não mando
se for pra ser rei sou vassalo.

Se for pra trair sou político
se for construir sou peão
se for pra pirar sou etílico
se for pra pedir, oração!

Se for pra fingir sou poeta
se for pra sorrir sou palhaço
se for ser mulher sou completa
se for pra lutar sou cangaço
se for corrigir sou decente
se for pra ser gente, um abraço.

Se for pra parir sou parteiro
se for para amar sou coração
se for pra plantar sou jardineiro
se for pra odiar sou rejeição.

Se for pra beber sou o vinho
se for pra comer sou o pão
se for pra apontar sou caminho
se for pra abraçar sou irmão.

Se for pra ser lépido sou adepto,
se for pra ser apto eu me adapto
mas se for para ser réptil, não:
sou intrépido em condição.

## *Samba de bosta*

Do alto do morro, pedindo socorro,
lá vem o Brasil descendo a ladeira,

da bola, do samba, da sola, do salto,
o Brasil colorido de Moraes Moreira
morreu lá no morro na hora do assalto.

A vista da costa olhando do morro
encanta o turista enquanto não desce,
depois que o nariz encosta no asfalto
de cheiro de bosta a visita padece.

da beira do rio e de lá do barranco,
lá vem o Brasil pegando no tranco

do peixe pacu, jaraqui e a macaxeira
o Brasil mercantil do porto mais franco
morreu de preguiça e de muita leseira.

A vista da beira daqui do mercado
não causa apego a nenhum turista,
a vista da beira é uma feira de horror,
é um encontro das águas do belo Rio Negro,
com o negro das águas de um mar de cocô.

Lá vem o Brasil do Moraes Moreira
do morro do Rio ou rio lá da beira,
lá vem todo mundo tocando tambor,

do homem que vive nas praias da costa
ao homem que vive no seu interior.
Lá vem o Brasil dançando no pé
um samba de bosta e um axé de cocô.

## *Sapato velho*

Confesso que só percebi
o quanto a vida passou
no dia em que aquela sola
do meu sapato rachou.

O que será que o tempo fez com
os sapateiros da minha infância?

Que faço meu Deus agora
que preciso de meia sola?
Responda, Senhor, ligeiro,
onde estão os sapateiros?

Desse sapato sem sola
eu tenho grande medida
do quanto o tempo levou
das coisas da minha vida.

Levou com sua ganância
os peixeiros e os fruteiros
das ruas da minha infância,
os leiteiros e os padeiros
levou quase todo mundo
inclusive os catraieiros
do igarapé São Raimundo.

Levou saberes, levou fazeres,
levou também a velha ciência,
levou os circos com seus palhaços,
parece até que levou a inocência.
Será que levou os abraços?

Eu jamais poderia imaginar
o quanto um sapato velho
faz tanto um homem pensar.

## *Santa Maria*

As mulheres brasileiras são muito diferentes.
No Norte roxinhas, no Sul mais branquinhas.
Tem umas bem altas e outras baixinhas,
são bem singulares no cheiro e na cor,
no gosto e no charme e sem muito alarme,
nos jeitos distintos de fazer amor.

A única coisa que pouco varia
é o nome de Santa que lhe deram os pais,
a mulher brasileira é santa Maria,
é santa na frente e às vezes atrás.

É Teresa Maria, Maria das Dores,
Francisca Maria, Maria Dolores,
é Ana Maria, Maria Regina,
Glória Maria, Maria Cristina.

É Maria na frente, Maria atrás,
e há uma tão santa que nunca varia,
é a Maria-Maria da melodia,
é um dom, uma força magia,
aí já é santa demais.

# *Saudade*

Essa força onipresente,
tem vez que me joga pra trás,
tem hora que me atira pra frente.

Às vezes me lembra o passado,
lugares, amores e vidas
que já não estão mais presentes.

Essa é a saudade pra trás,
é a vontade que me invade
de querer ver novamente.

Tem outras vezes, porém,
que me faz lembrar o futuro,
vidas que não vivi,
amores que ainda não tive,
lugares que não conheci.

Essa é uma outra saudade
que muito pouco manejo,
saudade de coisas pra frente,
é a saudade-vontade,
é a saudade-desejo.

## *Segredos*

A lua confessa os amantes
até o fim da madrugada
e quando inchada de segredos
derrama suas confidências
nas águas do Rio Negro.

Os segredos dos amantes
ninguém jamais saberá
dissipam-se com a partida da lua
esfumam-se com as espumas do mar.

## *Sentinelas*

Perfilados em ordem unida
buritizeiros de canelas compridas
quais sentinelas em ofício
protegem o pouco que resta
daquela pequena floresta
que cerca o meu edifício.

# *Sensibilidade*

Toda mulher tem algo de belo,
toda mulher tem sempre um encanto
que fica no entanto um tanto escondido.

Talvez nos cabelos, talvez no andar,
no timbre da voz, quiçá no sorriso,
ou mesmo no siso, ou até no sensível
seu jeito de olhar.

Toda mulher tem algo de belo,
toda mulher tem seus predicados
que ficam um bocado dissimulados.

Pra ver a beleza de uma mulher
não basta ter olhos, é pouco espiar,
pra ver a beleza de uma mulher
e pra sentir o seu encanto
é preciso que o homem possua o poder
do mais sacrossanto dom de amar.

# *Sete anáguas*

Procure casar com menina
com cintura de pilão,
menina com sete anáguas
e com saia de balão,
com meias até o joelho,
com fita de laço vermelho
e vestido bordado à mão.

Menina que usa corpete
e veste combinação
oculta nas sete anáguas
segredos do coração,
muito mais que suas pernas
guarda mil juras eternas
para uma grande paixão.

# *Segredos de 28*

Ao meu pai

Um vento sôfrego saía
pelas chagas da garganta,
tentando dar voz à sua vida.

Afásico e brando, soprava
pelas feridas do pescoço
e se esvaía pela veia de metal
cravada na sua laringe.

E todos fingem, com maestria,
entender os sons desconexos
que escapam pela cânula oca,
em instintivos reflexos
de um intermitente refrão.

Mas os últimos sibilos
do vigésimo oitavo dia,
resfolegaram segredos
que até hoje reverberam
nas almas de seus filhos
à maneira de oração.

*(Em memória do meu pai pela*
*sua morte em 28.7.1969)*

## *Simpatia*

Corta o coco pelo meio
raspa o oco e faz a cuia,
tora um toco de vela,
e cola no coco vazio.
acende o pavio da vela,
faz uma reza pra ela
e põe de bubuia no rio.

Deixa a cuia da cabaça
correr pela correnteza
e pode ter a certeza
que a graça vem pelo rio:
na noite que encher a lua
a caboca vai ser tua
até dissolver o teu cio.

## *Solidão*

Esperança que não
nos lança à luta,
resulta num sentimento em vão,
pois isola e não faz mudança.
Esperança sem luta
é mansa ilusão.

## *Sinestesias*

Os sanhaçus cantam em azuis,
os sabiás cantam em lilás,
os bem-te-vis tem cantos gris
e os tangarás, cantos grenás.

Canta em roxo o rouxinol?

Curioso, o curió perguntou:
Que cor tem o canto do beija-flor?

## *Sons*

Aquele som de assobio
sopra todas as tardes
do outro lado do rio...

Será que é um vento fresco,
um bicho do mato no cio,
água nascendo da fonte,
ou um monte de passarinhos
soprando os restos das tardes
para bem detrás do horizonte?

# *Sorriso Latino*

A minha filha Bárbara

Tarde fresca, numa rua estreita
da romântica Bavária...
flores se espicham sem jeito
por cima dos parapeitos das janelas
de um pequeno restaurante.

Mais adiante, um homem,
de costas para a paisagem,
parte com sua bicicleta...

Discreta, uma mesa posta
espera o cliente.

Displicente, a menina caminha
com seu sorriso latino
entre os acordes teutônicos
de um solitário violino
que embala o primeiro sono
do sonso sol da Bavária.

## *Tânatos*

Nosso amor antropofágico,
mágico amor incomum,
foi tão forte e ilimitado
que de dois fez-nos só um.

Agora que ele morreu
e deixou-me abandonado,
vou cometer suicídio
porque se somos só um,
ao morrer, morres comigo.

## *Teratologia*

Seres elíticos,
seres etílicos,
seres prosélitos,
seres prolixos.

Ah, esses Políticos!

Carcamanos de
desenganos,
ridículos seres
humanos que
viraram bichos.

## *Tinha uma Cora no meu caminho*

Aos poetas Carlos Drummond de Andrade
e Cora Coralina

Lendo Drummond de Andrade,
na intimidade, o Carlinho,
encontrei uma estranha pedra
no meio do meu caminho.

Resgatei da cansada retina
um poema de Cora Coralina
e fiz o que ela ensinou:
ajuntei todas as pedras,
levantei uma escada de escora,
fiz um leito, uma estrada,
cobri a minha caminhada
com um tapete floreado
pra aliviar minha dor.

Aquelas pedras que Cora
do meu caminho tirou
são hoje corais de palavras,
lavras de madrigal de amor.

## *Terra Caída*

O rio dá solavancos e berra,
o rio arranca e arrasta a terra
que dá corpo ao seu barranco.
O rio ronca até acordado,
não tem sesta nem descanso.

## *Transcendentais*

Não se faz poesia com universo,
é preciso muito mais.
Por isso os poetas são tidos
como seres transcendentais.

## *Vae hominis unius libri* *

Oh pátria, se não queres chorar amanhã,
dos teus filhos, as dores da ignorância,
põe agora, já, nas mãos das tuas crianças,
muitos livros que delas eles farão teus titãs

Porque só muitos livros, livram os homens
dos males da ignorância e da subserviência,
e do infortúnio da arrogância e da intolerância.

Só muitos livros fazem o homem mais nobre,
fazem seu espírito maior, por isso coitado
do pobre homem, do homem de um livro só.

* *Pobre do homem de um só livro.*
(Santo Tomás de Aquino)

# *Vagabunda*

De domingo a segunda,
sem dar bola para a hora,
vai vagando a vagabunda
rebolando rua afora.

Seja fina ou rotunda,
sem um pingo de vergonha,
dança e roda a vagabunda
bebendo toda cachaça
e fumando toda maconha.

Fétida e nauseabunda,
trôpega pela maconha
e bêbeda pela cachaça
vai vagando a sem-vergonha,
vadia e errante bunda,
vagante bunda devassa.

# *Vamos viver intensamente*

Vamos viver intensamente
antes de virar mercadoria,
vamos viver intensamente
antes que a gente valha menos,
menos do que a gente mais valia.

Vamos viver intensamente,
viver o mais que der profundo,
antes que o raio parta o mundo,
raio que o parta, parta a gente
e antes que a fome fira a fera
e antes que essa fera finque fundo.

Vamos viver intensamente
antes que os partidos partam a gente
e antes que esses homens nos repartam,
parte em homem e parte em agente

Vamos viver intensamente
antes que a parte que nos cabe
se acabe antes da gente

Vamos viver intensamente
antes que a gente vire indigente,
vire um número, vire estrumo,
antes que a gente vire semente.

# *Vernissage*

Para Bernadete Andrade com
quem aprendi a rir do mundo

A menina pintava o tempo,
pintava o vento, pintava o riso,
pintava o siso, pintava
tudo o que se lhe havia.

A menina pintou o sonho,
a esperança, o seu momento,
pintou o canto, pintou o pranto
pintou até mesmo a poesia.

E no dia do seu vernissage
a menina, filosofando,
deixou-nos esta mensagem:
a vida a gente pinta
com carinho e com humor
e a linha a cor e o traço,
não dependem do tom da tinta
mas da força do nosso abraço
e da intensidade do amor

Ensinou ainda a menina
que a mais bela tela da vida
ainda que bem-pintada
não passa de um borrão
– é só isso mesmo que é –

porque a grande obra-prima
se pinta com as tintas da fé
e com os pincéis da oração
E agora que a tinta acabou
a menina se reinventou,
abandonou de vez o pincel,
o cavalete e o jaleco
e foi fazer cabeça de boneco
com as nuvens lá do céu.

# *Viver, amar, sonhar e morrer*

*Sonhar como Freire sonhou.*
*Viver como Darcy viveu.*
*Amar como Vinicius amou.*
*Morrer como Pixinguinha*
*Morreu.*

**Viver**

Ah como eu gostaria de viver
como viveu Darcy Ribeiro,
viveu sua vida à exaustão,
por inteira, sem medo,
viveu sem fazer concessão.

Viveu com humor e alegria
todas as suas travessuras
e todas as suas fantasias.

Combateu com bravura
os seus combates
e com afeto os desafetos
da esperança.

Ninguém amou o seu povo
como Darcy, o seu amou,
ninguém conheceu o seu povo
como Darcy o seu conheceu,
por isso Darcy Ribeiro morreu,
morreu mas não acabou.

## Amar

Ah, como eu gostaria de amar
como amou Vinicius de Moraes,
amou intensamente
cada mulher que lhe amou,
amou demais.
Amou infinitamente
enquanto o amor pode durar,
por isso Vinicius nos ensinou
que o amor não é infinito,
infinita é a capacidade de amar.

Ah como eu gostaria de compor
como Vinicius compôs
os seus amores,
nos seus tons e semitons
e na harmonia das suas cores.

Vinicius compôs em lá,
Vinicius compôs aqui,
Vinicius compôs em si,
Vinicius compôs pra ti,
compôs em fá, compôs com fé,
compôs em verde e em amarelo
em negro, mulato e branco,
compôs em riso, compôs em pranto.
Vinicius foi diplomata da paz,
foi um embaixador do amor,
por isso Vinicius morreu,
morreu mas não acabou.

## Sonhar

Ah, como gostaria de sonhar
como sonhou Paulo Freire.
Sonhou com tanta esperança
que o sonho freiriano
desse doce pernambucano

Se prendes um passarinho
para aprender a cantar,
não lograrás por este caminho,
porque nenhum cantador cativo
é capaz de ensinar.

Abre as portas do cativeiro
e escuta a sonoridade
do canto libertador:
ninguém se educa prisioneiro,
só se educa nas asas da liberdade
e nas raízes do amor.

ISBN 978-85-7512-487-1
9 781234 567897

VALER
EDITORA